

..... Artigo

DOI: <https://doi.org/10.23925/1982-4807.2025i37e67631>

ERA UMA VEZ, MULHERES E A BUSCA POR SEREM LIDAS E RECONHECIDAS

Juliana Silva¹
Rosenildo da Costa Pereira²

RESUMO

O presente artigo descreve de maneira breve a história das mulheres escritoras no Brasil, com o objetivo de apresentar de forma concisa alguns nuances presente na história das escritoras brasileiras, descrevendo as principais barreiras na vida dessas mulheres, discutir acerca das lutas por um lugar de destaque na literatura, e reforçar as conquistas delas no cenário literário, alicerçado nas teorias de autores como Valente (2017), Beauvoir (1970); Telles ou del Priore (2004). Foi construído por intermédio de pesquisa bibliográfica. Apesar de sempre aspirar ao ofício da escrita, as mulheres sofreram com a exclusão no que se refere ao ato de escrever e, conseqüentemente, às produções literárias. No entanto, hoje vivem o direito de viver literatura, de nomear obras, de serem autoras de suas vidas e carreiras.

Palavras-chave: Mulher; Literatura; Valorização.

ONCE UPON A TIME, WOMEN AND THE QUEST TO BE READ AND RECOGNIZED

ABSTRACT

This article briefly describes the history of women writers in Brazil, with the objective of concisely describing some nuances present in the history of Brazilian women writers, describing the main barriers in the lives of these women, discussing the struggles for a prominent place in literature, and reinforcing their achievements in the literary scene. based on the theories of authors such as Valente (2017), Beauvoir (1970); Telles ou del Priore (2004). It was built through bibliographic research, based on documentary collection. Despite always aspiring to the craft of writing, women suffered from exclusion in relation to the act of writing and, consequently, to literary productions. However, today they live the right to live literature, to name works, to be the authors of their lives and careers.

Keywords: Woman; Literature; Appreciation.

ÉRASE UNA VEZ, LAS MUJERES Y LA BÚSQUEDA DE SER LEÍDAS Y RECONOCIDAS

Resumen

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) pela Universidade do Estado do Pará (UEPA) E-mail: jullysilva291299@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8795-6966>

² Doutor em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Secretaria Municipal de Educação de Abaetetuba. E-mail: rosenildopereira@gmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8747-5276>

..... Artigo

Este artículo describe brevemente la historia de las escritoras en Brasil, con el objetivo de describir de manera concisa algunos matices presentes en la historia de las escritoras brasileñas, describir las principales barreras en la vida de estas mujeres, discutir las luchas por un lugar destacado en la literatura y reforzar sus logros en la escena literaria. a partir de las teorías de autores como Valente (2017), Beauvoir (1970); Telles ou del Priore (2004). Se construyó a través de una investigación bibliográfica, basada en el acervo documental. A pesar de aspirar siempre al oficio de escribir, las mujeres sufrieron exclusión en relación con el acto de escribir y, en consecuencia, con las producciones literarias. Sin embargo, hoy viven el derecho a vivir la literatura, a nombrar obras, a ser los autores de sus vidas y carreras.

Palabras clave: Mujer; Literatura; Apreciación.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na gênese deste texto, pensa-se em contar uma pequena, porém marcante história que ajudará o leitor ou a leitora à plena compreensão das discussões levantadas com este tema. Quando percorre-se o caminho de escrever sobre mulheres escritoras, percebe-se que esta simples escolha, por si só, carrega uma plurissignificação grandiosa e importantíssima, no entanto, descrever os processos culturais e históricos inseridos nesse contexto, não é uma tarefa simples.

Precisa-se, portanto, contar nos próximos parágrafos o enredo: “Era uma vez, mulheres e a busca por serem lidas e reconhecidas”. Esta história começa sem datas específicas, séculos podem ser contados e visitados como eras de subordinação que a figura feminina passou em detrimento da “força” masculina.

A generalização desse contexto evidenciou o estereótipo patriarcal de sociedade que segundo Ponciano (2015, p. 87) “aprisiona, subjuga e discrimina as mulheres de variadas formas”. Esta doutrina que coloca o homem como centro das relações, com direitos superiores e com poderes por vezes abusivos e inquestionáveis, perpassa gerações e até hoje deixa suas marcas quando fala-se na representação de ambos os gêneros, e no papel que ocupam em seus contextos sociais, “temos, assim, a clássica assimetria hierárquica e antagônica entre a dominação masculina versus a subalternidade feminina” Marinho e Maués (2018, p. 82).

Desse modo, este escrito tem por objetivo descrever de forma concisa alguns nuances presente na história das escritoras brasileiras, descrevendo as principais barreiras

..... Artigo

na vida dessas mulheres, discutir a cerca das lutas por um lugar de destaque na literatura, e reforçar as conquistas delas no cenário literário.

Logo, esta temática fornece um passo fundamental no caminho de pedras percorrido pelo gênero feminino por décadas, a mulher como centro de um texto, que por muito tempo não pôde escrever. Consiste em um contexto relevante diante das discussões em que o papel de gênero se coloca em voga, principalmente entre uma sociedade sexista, como a brasileira.

Este artigo foi construído por intermédio de pesquisa bibliográfica, contendo um estudo debruçado sobre o arcabouço teórico que trata do tem em questão.

Desse modo, a divisão deste texto consiste em: o primeiro tópico Uma história de (re)começos, destaca os principais desafios que as mulheres tiveram que enfrentar para escrever, bem como, as razões para tal exclusão, no tópico seguinte “Uma história de (re)começos”, descreve algumas conquistas essenciais nas lutas dessas mulheres em “Vozes femininas ecoantes mudando a história”, em seguida, a conclusão deste estudo.

Uma história de (re) começos

É fundamental assimilar que, “ao longo da vida, somos impelidos pela sociedade a adotarmos determinado papel social. A obediência a estas constituições culturais se estabelece como fator de aceitação e gozo para com a sociedade”, esta consideração de Cruz (2013, p. 01), ajuda no percurso de entender as razões que estão camufladas no papel secundário que a mulher ocupa na sociedade na qual o homem é protagonista, assim percebe-se que a manutenção dessa dualidade é aceitável e agradável dentro das realidades em que estão inseridas. Em diálogo com o autor citado:

O estabelecimento da conceituação de papel social foi absorvido da literatura e das obras teatrais, nas quais os atores se apresentam de forma organizada a partir de um elaborado conjunto de regras e textos previamente organizados, tendo a partir desta atuação, a busca pela aceitação e bom julgamento. Na aplicação da dinâmica teatral para a social, os atores que buscam o aplauso são os indivíduos, as pessoas que dia após dia passam por processos de interação com a sociedade. Esta por sua vez representa o público, havido por uma boa apresentação. O aplauso ou o julgamento se constituem da aceitação ou recusa da atuação individual no cenário da sociedade. Desta forma o papel social corresponde à atuação e produção do indivíduo dentro daquilo que a sociedade espera para ele (CRUZ, 2013, p. 2).

..... Artigo

A relação existente entre os moldes perpetuados pela sociedade e as distintas personificações que o homem e a mulher acabam por introduzir, podem ser explicadas também pela perspectiva de Valente (2017):

Os nossos corpos são disciplinados a responder à lógica desses poderes referidos, adestrando-se ainda que a nossa revelia. O gênero que encenamos, desse modo, segue uma normatização que lhes é imposta sem que ao menos nos questionemos o porquê de segui-la, uma vez que diversas forças agem para que sustentemos esse estado de coisas (VALENTE, 2017, p. 5).

Desse modo, a padronização do corpo de acordo com que é imposto a ele, pode ser evidenciada pelos aspectos culturais e sociais, estruturados no cotidiano vivenciado pelo feminino e masculino, e assim cristalizando a função de ambos dentro dessa conjuntura. Quando uma criança nasce, o seu gênero irá codificar o seu lugar na hierarquia social, o primeiro lugar, pertence ao homem, provedor da família a quem deve-se obedecer e não refutar, a mulher, portanto, ocupa o lugar inferior, de sexo frágil e de submissão.

Simone de Beauvoir, salienta:

A HISTÓRIA mostrou-nos que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro. (BEAUVOIR, 1970, p. 179)

O lugar inferior destinado ao grupo feminino ainda é perene na atualidade, logo, para desmitificar este processo, é necessário destacar as circunstâncias em que ele acontece e como pode ser remodelado.

Nesse contexto, é importante elucidar que a literatura, caracterizando-se como uma expressão artística que retrata os modelos, cultura e pensamentos dos indivíduos inseridos em um universo de vivências sociais, serviu como uma arma poderosa a essa sociedade patriarcal, veiculando por muitas ruas, em jornais e outras publicações, a imagem e comportamento adequados para os sujeitos e sujeitas com personagens estereotipados, apresentando homens e mulheres aos moldes do que convinhem para manter este status de sociedade.

Nesse sentido, o ethos patriarcal em que a crítica literária está inserida colabora para que essa literatura represente valores patriarcais, conforme dito, e, ao fazê-lo, silencie a voz feminina e a diversidade sexual e identitária. Para tanto, considera como apropriados certos comportamentos e modos de ser ao sexo masculino e outros ao feminino, como se não fossem esses mesmos

..... Artigo

comportamentos construções sociais e, portanto, ideológicas. A mulher, nessa produção masculina é posta, quase sempre, como o outro, aquele sobre o que se fala, o objeto de um sujeito masculino (VALENTE, 2017, p. 3).

Historicamente, o texto literário prestou este papel, em muitas obras escritas em sua maioria por homens, a mulher era representada por personagens que vivenciavam a subalternidade referente à figura masculina, preservando o padrão convencional destinado a esta relação, o esposo/pai manda, a esposa/filha obedece calada. Além desse aspecto, a literatura nem sempre foi um espaço democrático e acessível, de acordo com Silva (2012):

Durante muito tempo, escrita e saber estiveram – e ainda, talvez, continuem – relacionados ao poder e foram usados como formas de dominação e de exclusão de determinadas vozes que tentassem ecoar algum som em meio ao silêncio que era imposto para que se mantivesse a ordem social em uma sociedade de base falocêntrica, patriarcal, machista e sexista (SILVA, 2012, p. 108).

É imprescindível destacar que, a partir do momento em que se aborda o ofício da escrita voltada para o público feminino, esbarra-se com os terríveis ideais preconceituosos enfrentados por esse, pois a prática da escrita sempre foi vista como uma ferramenta sobre a qual o autor encontra oportunidade para expor suas visões de mundo e autonomia para apresentar seus pensamentos e opiniões acerca das mais variadas temáticas, além de ser enxergada sob à errônea concepção de que escrever era, além de um ofício exclusivo relegado ao público masculino, era, também, sinônimo de poder.

O cânone literário foi se constituindo, então, na validação de obras e seus respectivos autores, ao passo que perpetuou a inadmissão de escritos produzidos por figuras femininas, tal perspectiva vem de uma construção histórica e ainda é vigente, deixando muitas mulheres à margem de um destaque merecido, reforçando e perpetuando a tradição hegemônica em que apenas os homens possuem capacidade para tal reconhecimento.

Concernente a isto, dentro de inúmeros direitos negados ao público feminino durante muito tempo, está o acesso à educação. Por décadas, a inserção em escolas não era permitido as mulheres, e a oportunidade de publicação, quando muitas delas escreviam brilhantemente, mas precisavam esconder sua identidade feminina nas letras de nomes masculinos, usando outra “aparência” autoral, para que seus escritos chegassem ao público leitor de sua época.

..... Artigo

E quando tais mulheres tinham acesso a um ensino, este era repassado dentro de casa, e fundamentado na aquisição de habilidades domésticas para a constituição de uma boa futura esposa, mãe e dona de um lar que precisava exclusivamente de seus cuidados, os quais deviam ser praticados com zelo e perfeição, deveras este pensar revigora há anos:

Assim, desde a antiguidade, a medida que o homem passa a exercer a condição de agente do trabalho externo às práticas do lar, a mulher ficou ligada a naturalidade da gestação e aos cuidados com os filhos, sendo pressionada a se recolher ao espaço das atividades domésticas (CRUZ, 2013, p. 5).

Logo, Pedro e Souza (2012, p. 81), destacam: “as mulheres viveram e, em parte, ainda vivem enclausuradas sob discriminação, opressão e carência de vários direitos; inclusive o direito à educação, que por um bom tempo, foi permitido somente aos homens”. Este fator pode explicar em parte, o porquê da ausência de escritoras em muitos anos da literatura brasileira, no entanto, cabe evidenciar que essa resposta vai além da falta de uma educação acessível, trata-se também de um reconhecimento incipiente, que só fora destinado aos homens e só a estes se conferiu os adjetivos de mentes capazes de produzir literatura, ou qualquer outra função, que fugisse dos “afazeres de uma mulher”.

Dentro desse universo do que a mulher era designada a fazer e ser, as perspectivas geradas sob a ótica patriarcal conduziam um olhar estigmatizado para a possibilidade de obras escritas por autoras. Colocava-se em dúvida a capacidade intelectual feminina em produzir um texto legível e com um enredo atraente e bem desenvolvido, logo, de acordo Souza; Sousa e Sousa (2019, p. 36) “escrever não era uma prática concernente ao mundo feminino, ficando, portanto, o direito da escrita somente ao homem, o que gerou ao longo da história a exclusão das mulheres dos cânones tradicionais.”

Desde pequenas, mulheres são estimuladas ao cuidado dos afazeres domésticos, a “pilotar fogão”, quando não podem dirigir seu destino ou realizar suas escolhas, transgredir essa viagem viciosa é uma afronta a sociedade que se constituiu por esse molde. O lugar da mulher foi e ainda é construído por visões em detrimento de uma educação que favorece os seres do outro sexo, legitimando espaços amplos para serem ocupados por “elEs”, e distanciando o nome de figuras femininas que são igualmente capacitadas para desempenharem os mesmos papéis. A literatura, então, representa um desses espaços, assim, criou-se a ideia de que escrever não é para mulheres:

..... Artigo

Tal qual um Deus Pai que criou o mundo e nomeou as coisas, o artista torna-se o progenitor e procriador de seu texto. À mulher é negada a autonomia, a subjetividade necessária à criação. O que lhe cabe é a encarnação mítica dos extremos da alteridade, do misterioso e intransigente outro, confrontado com veneração e temor. O que lhe cabe é uma vida de sacrifícios e servidão, uma vida sem história própria. Demônio ou bruxa, anjo ou fada, ela é mediadora entre o artista e o desconhecido, instruindo-o em degradação ou exalando pureza. É musa ou criatura, nunca criadora (TELLES OU DEL PRIORE, 2004, p. 337).

Outrossim, o lugar da mulher nos textos literários foi por anos uma imagem representada pelo olhar masculino, gerada pelo pensamento e opiniões de um escritor, como personagem criada pelo outro, que historicamente disseminou durante anos, visões diferenciadas do que é ser mulher, imagens que vão de dona à destruidora de lar, olhares que perpetuam até hoje, inúmeros pensamentos que ferem a classe feminina. Dentro desses contextos vive a literatura, uma vez que os reflexos históricos influenciam nos movimentos literários, da mesma forma, as obras deixam legados na história.

Excluídas de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos, de assegurarem dignamente sua própria sobrevivência e até mesmo impedidas do acesso à educação superior, as mulheres no século XIX ficavam trancadas, fechadas dentro de casas ou sobrados, mocambos e senzalas, construídos por pais, maridos, senhores. Além disso, estavam enredadas e constringidas pelos enredos da arte e ficção masculina. Tanto na vida quanto na arte, a mulher no século passado aprendia a ser tola, a se adequar a um retrato do qual não era a autora. As representações literárias não são neutras, são encarnações “textuais” da cultura que as gera. Excluídas do processo de criação cultural, as mulheres estavam sujeitas à autoridade/autoria masculina (TELLES OU DEL PRIORE, 2004, p. 341).

Nesse sentido, do barroco, escola literária do século XVII, ao modernismo estilo dos anos 90, foram diversas imagens remetidas a mulher, descritas na obras e caracterizadas em cada movimento, ora anjo, ora personificação do pecado, idealizada e inalcançável, em outros momentos real e tocável, vestida de pureza e virtudes, em outros aspectos, esbanjando sensualidade e desejos, e quando se trata de comportamento, as obras expressam os mais distintos, da mocidade e encantos de Marília (do poeta barroco Tomás Antônio Gonzaga), à doçura e virtudes heroicas de Iracema (Romance de José de Alencar).

Da mesma forma, quando se pensa em uma só figura feminina, Machado de Assis, no movimento realista, provoca-nos diversas interpretações, sobre a protagonista da vida

..... Artigo

amorosa e conturbada de Bentinho em “Dom Casmurro”, um leque de possibilidades na tentativas de descrever quem foi Capitu.

O papel da mulher se modifica na literatura, bem como muda na história, mas é necessário perceber por qual ótica isto é refletido. A escrita masculina retrata o que pensa da figura feminina por sua concepção de fora, por suas ideologias fundadas a partir do que a sociedade vê para ambos gêneros, a cada momento literário um retrato, em cada poeta um olhar diferenciado para definir uma personagem, é hora de ouvir/ler o que “elAs” podem narrar sobre o seu mundo de mulheres.

Nesse sentido, a ideologia deturpada de que apenas os homens tinham condições artísticas e uma escrita capaz de render bons livros se tornou irrefutável. Para Ponciano (2015, p. 90) “foi-nos ensinado que a única opção é ver o mundo com olhos masculinos, mas essa opção oculta as possibilidades de feminilização do mundo”, o olhar autoral das mulheres foi se tornando escasso e pouco colocado em evidência, a autora ainda destaca que “um dos motivos do silenciamento feminino no universo literário é o fato de a crítica considerar irrelevante e inferior as temáticas exploradas pelas escritoras”. (p. 93) Esses pensamentos equivocados e excludentes educam gerações à anular tudo o que é produzido por mulheres, naturalizando e validando apenas as realizações do gênero oposto.

Infelizmente, a figura feminina sempre se viu imersa num mar de desprestígio, numa época estritamente patriarcal, na qual somente os homens detinham vez/voz. Vale destacar que, a existência de escritos produzidos pelo público feminino não era nula, apesar de serem altamente subestimadas enquanto escritoras e seres atuantes no meio social, as poucas mulheres que praticavam a escrita eram submetidas à condições específicas, com muitas limitações e normas, as quais deviam ser seguidas à risca para que o ato de escrever fosse permitido. A respeito disso, Silva (2012) coloca:

As mulheres podiam escrever desde que os seus escritos não ferissem a moral e os bons costumes. Escrever, por exemplo, receitas ou registrar como manter a casa em ordem era, dentro do código patriarcal, referendar os valores do “termo paterno”. Todavia, escrevendo sobre aquilo a que estavam mais próximas, as mulheres foram, paulatinamente, adentrando no universo da escrita (SILVA, 2012, p. 114).

É certo que durante muito tempo, o público feminino tentou, veementemente, derrubar as barreiras do preconceito há muito presentes no meio social e, com o passar

..... Artigo

do tempo, esse público veio ganhando cada vez mais espaço, um espaço que, sem nenhuma razão plausível, se encontrou fechado para que fosse adentrado por esse, para atuar como participantes com direitos, sem temor ou limitações. Por meio de muitas lutas e movimentos, é possível notar, atualmente, o desmoronamento de tais barreiras e a desmistificação de ideias que perduraram na sociedade por muitas décadas, os quais tinham a figura da mulher como inferior e desprovida de muitas capacidades, sobretudo a de escrever. No que se refere a isso, Silva (2012) coloca desta forma:

Nesse sentido, considerando-se que a inserção das mulheres no campo da escrita literária foi um percurso marcado por barreiras e por lutas contra uma política de cerceamento e contra uma miríade de formações ideológicas que impeliam a produção feminina ao esquecimento (SILVA, 2012, p. 109).

Descreveu-se que seria impossível datar o início dessa história de exclusão vivida pelas mulheres, mas podemos descrever quando este enredo começa a mudar. De acordo com Santos e Ribeiro (2013, p. 86), “ao final da década de 1970, floresceram os estudos sobre a questão da mulher em diversos campos do saber”, são poucos anos de uma visibilidade ainda tímida, quando pensamos no espaço de discussão em literatura escrita por mulheres, e nos anos que elas viveram à margem de uma consolidação de direitos e enclausuradas nos moldes de uma sociedade sexista.

Como percebido nesta discussão, Ponciano (2015, p. 116) vem colocar que “os estereótipos que permeiam o imaginário popular sobre a mulher são multifacetados, mas quase sempre a colocam numa posição de passividade, inferioridade, submissão e até mesmo dependência da figura masculina”. Por isso, necessita-se compartilhar sobre as barreiras, nas expressivas condições excludentes vividas por mulheres, entre elas a invisibilidade na literatura, que muitas carregaram em suas trajetórias enquanto escritoras, um título que não podiam abraçar e chamar de seu, bem como, retratar suas dores e lutas por conquistas que atualmente muitas podem usufruir.

Na perspectiva de Silva (2012), apesar da hegemonia do pensamento patriarcal, muitas mulheres unindo vozes e ideais, conseguiram gritar contra os rótulos empregados à elas, e não aceitaram o posto de subordinação. É nítido que há pouco tempo, essas questões fundamentam trabalhos e pesquisas, lugares que contribuem nas tentativas de viabilizar a igualdade de gênero, mas é nos pequenos passos como essas discussões, que

..... Artigo

encontram-se as veredas para caminhos com flores e, sobretudo, sem retroceder às décadas de uma história manchada por restrições e silêncio.

A mudança no rumo dessa história é inaugurada com a luta de inúmeras figuras femininas na busca por direitos e respeito às suas singularidades, muitos ganhos foram obtidos nesse sentido, graças ao movimento feminista do século XIX. De acordo com Souza, Sousa e Sousa (2019, p. 32) “eclodiram os princípios feministas, na busca de transformação do papel social da mulher e das construções culturais e políticas de gênero implantadas ao longo da história.” Foi na efervescência desse momento, que muitas conquistas começaram a ser tecidas.

O leitor ou leitora, pode se perguntar qual a relação deste movimento reivindicatório com a literatura escrita por mulheres, pois bem, é essencial nesta abordagem, acrescentar a reflexão embutida nesta relação. Não pode-se dissociar este movimento com o início de uma liberdade escritora destinadas às mulheres, uma vez que foi, de acordo com Tofanelo (2015):

Com o advento do movimento feminista, a partir da década de 60, e as diversas conquistas femininas empreendidas pelo mesmo, em muitos âmbitos como social, econômico, político, e literário, a mulher passa a ter chance de representar, ela mesma, seus próprios personagens (TOFANELO, 2015, p. 3).

Nesse sentido, segundo Souza, Sousa e Sousa (2019, p. 36) “após muitas lutas femininas por direitos iguais, o campo literário foi também espaço para novas discussões no que tange a mulher como escritora no universo literário”, esse tempo de reivindicações, oportunizou à muitas mulheres escritoras, o prazer de não só escrever, mas publicar seus trabalhos, os quais foram construídos anteriormente, com o receio de nunca serem lidos.

A escrita, como já foi mencionado, é enxergada como uma forte ferramenta para expor ideias e concepções. É por meio de tal prática que, nos dias atuais, a figura feminina vem disseminando pensamentos, os quais objetivam romper com ideais machistas há muito impregnados na sociedade. De acordo com o pensar de Souza, Sousa e Sousa (2019, p. 39), “As mulheres têm protagonizado em meio a obras literárias, destacando o seu anseio e o seu conflito para a mudança do retrato social, e levantando questões acerca da submissão feminina frente à prática de desigualdade a que foram expostas”. O que nos leva a refletir que a busca pela visibilidade ainda é uma realidade em muitas áreas, a literária, como pode-se observar, é uma delas.

..... Artigo

A inserção do público feminino no âmbito literário, além de ser uma conquista realizada e há tempos almejada, é uma grande contribuição que marcou/marca profundamente a cultura e o fazer literário, ou seja, obras atemporais que jamais cairão no esquecimento. Por meio da literatura, as mulheres demoliram barreiras, desmistificaram ideologias de natureza machista e conquistaram seu lugar de direito. Silva (2012) pontua:

Dentro do cenário literário, a escrita produzida por mulheres teve – e continua tendo – de conviver com uma política de ocultamento que trouxe consequências quase que irreparáveis. Muitas foram as mulheres que, embora com a pena em riste, não puderam se expressar e tiveram sua obra, sua intelectualidade assujeitadas ao Outro, o sujeito masculino. Por isso, persiste a necessidade de estudos que possam, segundo Schneider (2000), reconstruir a história literária produzida por mulheres, pondo em evidência o percurso, as dificuldades, os temores, as estratégias para romper o confinamento em que viviam e, ao mesmo tempo, promover a revalorização dessa literatura que no passado não recebeu devida atenção (SILVA, 2012, p. 108-109).

Neste ponto, a literatura, antes, um instrumento da sociedade excludente, transformou-se em um lugar de acolhimento e inserção para muitas mulheres que vislumbravam um espaço para suas obras, a literatura, então, envolveu suas escritoras nas bibliotecas que até então pousavam livros escritos por homens, apresentando-se como um importante instrumento nas conquistas adjacentes, logo:

Nesse novo cenário, a literatura foi fundamental para pôr em discussão o papel implantado entorno da mulher. Com isso, nesse movimento, de maior efervescência no século XX, começam a manifestarem-se escritoras que passaram a produzir obras que põe em debate a posição secundária e subalterna da mulher na sociedade, buscando suscitar no leitor novos pontos de vistas a respeito da identidade feminina fundada pelo discurso patriarcal (SOUZA; SOUSA; SOUSA, 2019, p. 32).

Quando pensa-se no movimento aqui no Brasil, destaca-se o nome da feminista Nísia Floresta, que segundo Souza; Sousa e Sousa (2019, p. 34) “em reivindicação à restrição por qual passava a mulher na educação, também defendeu o ensino feminino por meio de publicações, em que expõe a condição da mulher na educação e na sociedade.” Percebe-se, então, o quanto este movimento, atrelado à literatura, contribuiu para que muitas mulheres pudessem mudar o destino de suas histórias, que antes eram traçadas por uma sociedade patriarcal e com essência machista, claro que não há na atualidade a superação de tantas marcas enraizadas e ainda difíceis de cortar, mas muitas mulheres hoje, vivem a experiência libertadora de escrever capítulos diferentes de suas e outras

..... Artigo

vidas, textos de suas autorias que transcendem e representam conquistas coletivas. Nas palavras de Cruz (2013):

Assim, devemos compreender a mulher na história como um elemento que sofreu fortes pressões para o desenvolvimento de um condicionamento social, controlado e submisso, mas que, no entanto foi capaz de aproveitar as brechas oferecidas pelo sistema social e buscar seu próprio posicionamento, mesmo nas sociedades mais machistas como a patriarcal (CRUZ, 2013, p. 12).

Contou-se até aqui, uma história marcada por trechos de exclusão e carência de reconhecimento e em sua contramão, pela efervescência de reviravoltas e conquistas ocasionadas por lutas femininas. Apesar dos avanços na corrida por finais felizes neste enredo, Beauvoir (1970) considera:

O período que atravessamos é um período de transição; este mundo que sempre pertenceu aos homens ainda continua nas mãos deles; as instituições e os valores da civilização patriarcal sobrevivem a si mesmos em grande parte. Os direitos abstratos ainda estão longe de ser integralmente reconhecidos em toda parte às mulheres (BEAUVOIR 1970, p. 172).

Muito já se discorreu acerca dos desafios e óbices enfrentados pela figura feminina no que tange à constante luta por inserção e visibilidade no campo da escrita, entretanto, tal feito só começou a se mostrar de forma mais concreta por meio de alguns nomes, os quais são considerados fortes representantes no que diz respeito ao empoderamento, há muito almejado, referente ao exercício da escrita produzida por mulheres no Brasil. Na visão de Souza; Souza e Souza (2019):

A presença da mulher na literatura só passa a ter visibilidade de fato com o surgimento de Clarice Lispector, Rachel de Queiroz e Cecília Meireles. Subsequente, com Lygia Fagundes Telles, Lya Luft, Adélia Prado, Nélide Piñon, Marilene Felinto, Ana Maria Machado, Patrícia Melo, Abilio Pacheco (SOUZA; SOUSA; SOUSA, 2019, p. 32).

Com a fundação da ilustre Academia Brasileira de Letras (ABL), em 20 de julho de 1897, algumas autoras realizaram o ato de se candidatar a uma das quarenta vagas existentes na instituição, no entanto, apesar do público feminino vir ganhando vez e voz no âmbito da escrita, havia, para a infelicidade de tais autoras, preceitos e normas que não aceitavam a ocupação dos tão aclamados assentos por uma mulher.

Os motivos para tal decisão eram, segundo Pedro e Souza (2019, p. 85) “respaldada em critérios de seleção misóginos vigentes na *Académie Française de Lettres* a qual servia de modelo”. Como se pode observar, tal comportamento preconceituoso e intolerante refletia o pensamento machista que reinava entre os literatos daquele tempo.

..... Artigo

Porém, no ano de 1977, Rachel de Queiroz se torna protagonista de um feito histórico que marcaria para sempre a trajetória de luta e ascensão à escrita vivenciada pela figura feminina. Rachel é convidada a ocupar uma das quarenta cadeiras na ABL, rompendo, assim, com paradigmas há muito impostos no meio social daquela época. Vale ressaltar que a inserção dessa autora se destaca pelo fato de ter se dado de maneira diferenciada em relação às demais que a antecederam, pois, diferentemente de se candidatar, Rachel desfrutou da honra de ser convidada, como discorrem Pedro e Souza (2012):

A candidatura de Rachel de Queiroz se diferencia das demais escritoras, quais sejam, Amélia e Dinah, por ter tido seu nome indicado, enquanto as outras foram autoindicação. Assim, sem desmerecer o seu valor intelectual de mulher das letras, romancista de renome, Rachel teve um aditivo que facultou sua entrada na ABL. O que manifestou seu interesse em fazer parte da ABL foi ter seus amigos mais próximos vinculados àquela agremiação (PEDRO; SOUZA, 2012, p. 86).

A eleição de Rachel surgiu como um chama, a qual inflamou o público feminino no que concerne à conquista das mulheres na escrita, instigando o forte desejo da figura feminina em ser protagonista de sua própria história, saindo da condição de apenas figurantes ou objetos de mera descrição, mas exercendo o lugar principal no qual tais autoras têm a possibilidade de registrar no papel sua própria história e de serem aquilo que almejam.

CONSIDERAÇÕES

Portanto, de acordo com a história narrada nesta linhas, este escrito descreveu algumas das inúmeras lutas que as mulheres traçaram para alcançarem lugares nas prateleiras das bibliotecas pelo Brasil, seus nomes são exemplos e exemplares em uma sociedade que precisou aprender a ser mais igualitária, mais literária, por que a literatura é arte de todos e todas.

Constatou-se ainda, que o lugar da mulher pode ser descrito com inúmeras características, no entanto, não deve ser definido e imutável, pois a voz feminina ecoa em diversificados ambientes, em muitos momentos da história, mesmo que amordaçadas, seus clamores resistiram e foram fortalezas quando todos achavam que ser mulher era sinônimo de fragilidade.

..... Artigo

É utópico descrever um final para o enredo que está sendo narrado, isso porque ele ainda está sendo escrito, não por uma, mas por muitas autoras, mulheres donas de suas próprias histórias, que as produzem diariamente, no cotidiano de uma sociedade que ainda não é um espaço igualitário e que precisa avançar como lugar de enaltecimento das histórias redigidas e vividas por essas mulheres, pois “apesar dos inúmeros espaços alcançados pelas mulheres, a exclusão delas dentro da esfera artística ainda é muito intensa; o cânone literário ainda é apropriado majoritariamente pelos homens”. Ponciano (2015, p. 96). É preciso caminhar muito, para que esse enredo tome outro rumo novamente, e que as obras escritas por autoras façam da tradição literária seu lugar.

Por conseguinte, aos poucos as escritoras brasileiras foram produzindo e publicando suas obras pelas veredas do país, conquistando lugares que sempre clamavam por uma representação constituída pela ótica feminina e por visibilidade. As mulheres, então, passaram a escrever sobre outras mulheres, personagens descritos por quem vive seus ideais e que por muito tempo sofreram com a ausência desse reconhecimento.

Diante do pressuposto, pode-se observar então, que a trajetória do público feminino foi marcada por sua presença nas entrelinhas, beirando a visibilidade e reconhecimento no Cânone Literário e por vozes silenciadas. Apesar de sempre aspirar ao ofício da escrita, esse público sofreu com a exclusão no que se refere ao ato de escrever e, conseqüentemente, às produções literárias. No entanto, hoje vivem o direito de viver literatura, de nomear obras, de serem autoras de suas vidas e carreiras.

REFERÊNCIAS:

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão européia do livro, 1970, p. 309.

CRUZ, Vagner de Oliveira. **Feminino: a construção histórica do papel social da mulher**. Natal: AMPUH, 2013, p. 14

MARINHO, Carla Figueiredo. MAUÉS Maria Angelica Motta. Eneida de Moraes em “Momento Feminino”: um jornal a serviço do seu lar. In. Mulheres - Amazônia - Condições sociais - Periódicos. Belém: Gênero na Amazônia, 2018, p. 73-89.

..... Artigo

PEDRO, Joana Maria; SOUSA, Beatriz Alves de. **Trajetória das mulheres brasileiras na carreira das letras:** ensaio bibliográfico a partir de autores contemporâneos. Uberlândia: caderno espaço feminino, 2012, p. 79-95.

PONCIANO, Jéssica Kurak. **A mulher escrita:** notas sobre a (in)visibilidade feminina no material didático do ensino médio de língua portuguesa e literatura do estado de São Paulo. Orientador: Profa. Dra. Arilda Inês Miranda Ribeiro. 2015. p. 174. Dissertação (Mestrado) UNESP, Presidente Prudente, 2015.

PRIORE, Mary Del_(Org.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2004 p. 571.

SANTOS, Eunice Ferreira dos; RIBEIRO, Lilian Adriane dos Santos. **A escritura literária das mulheres paraenses:** recepção entre leitores/as e cânone. Itabaiana: Fórum Identidades, 2013, p. 7.

SILVA, Marcelo Medeiros da. **Práticas de escrita feminina: o exercício da resistência.** Juiz de Fora: Verbo de Minas, 2012, p. 107-118.

SOUSA, Andreia Laurentino de; SOUSA, Emanuella Andrezza Lima de; SOUZA, Abilio Pacheco de Souza **Empoderamento feminino:** um estudo dos contos “Corpo Inteiro” e “Chuvvas e Trovoadas” de Maria Lúcia Medeiros. Capanema: A Palavrada, 2019, p. 32-46.

TOFANELO, Gabriela Fonseca. **A trajetória do feminismo na literatura de autoria feminina brasileira:** espaços e conquistas. Sies uem. Disponível em: <https://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/593.pdf>. Acesso em: 20 de Março de 2022.

VALENTE; Paulo. **Maria Lucia Medeiros: a voz feminina e a proposta de um novo perfil feminino no conto amazônida.** Florianópolis: ISSN 2179-510X, 2017, p. 10.

Submetido em: 2024-07-20

Aceito em: 2024-08-21